

Através dos olhos do coração: Meu aprendizado incorporado de Jolobil e Lekil Kuxlejal

DOI Number

10.24135/link.2021.v2i1.141.g278

As visões coloniais modernas do Norte Global enfatizam demais a mente para a produção de conhecimento e a criação de sentido sobre as diferentes dimensões do corpo. No Sul Global, diferentes onto-epistemologias reconhecem que a compreensão vai além da mente como sentipensar (Fals Borda, 2009) e corazonar (Cepeda H., 2017; Pérez Moreno, 2012). Esta apresentação discute os insights significativos do aprendizado de tecelagem de tear traseiro (jolobil) como uma abordagem de descolonização. Durante minha jornada de pesquisa, um desejo intuitivo crescente de aprender o jolobil tornou-se uma experiência transformadora, mudando a direção e contribuindo para a investigação de diferentes maneiras. A reflexividade incorporada de jolobil conectando corpo, mente, coração e energia vital (espírito) em relação às pessoas e ao lugar permitiu uma construção de sentido holística de Lekil Kuxlejal, um Tsotsil maia e equivalente Tseltal de Buen Vivir. Considerando a importância das diferentes dimensões do corpo para a criação de sentido e a presença do coração na cultura maia (e mesoamericana), a documentação de meu aprendizado jolobil através dos “olhos do coração” serviu como uma janela para não experimentar apenas o processo complexo e trabalhoso de tecelagem de tear traseiro, mas também para permitir que os espectadores mergulhem no jolobil, uma compreensão do meu aprendizado corazonando. Jolobil, uma prática cultural pré-colonial ensinada pela deusa Ixchel, é atualmente uma prática viva diretamente relacionada ao bem-estar do tecelão como parte de uma

comunidade, e é um meio para se reconectar com a ancestralidade e herança indígenas. Também possui fortes dimensões afetivas, onde os tecelões requerem paciência e concentração para deixar o coração fluir pelos fios, nutrindo e orientando o processo, proporcionando uma sensação de harmonia, bem-estar e pertencimento. A prática do jolobil é frequentemente feita em torno da família ou em grupos, permitindo a integração intergeracional e a transmissão de conhecimento. Estes elementos, alinhados à minha herança cultural, foram integrados por meio da inclusão de meus familiares durante a pesquisa de campo, uma postura descolonial como mulher nativa latino-americana. Outra contribuição da minha experiência corporificada foi usar o jolobil como uma metáfora de pesquisa, tecendo teorias, métodos e ferramentas de diferentes disciplinas, como antropologia, sociologia e design, ao lado de conhecimentos indígenas. Usando a descolonização como um quadro transversal, esta abordagem metodológica entrelaça etnografia visual-digital-sensorial, codesign, cosmovisão maia (visão de mundo), têxteis como resistência e zapatismo para a exploração do que constitui uma vida justa e digna, Lekil Kuxlejal, para maia Tecelões Tsotsil e Tseltal, em colaboração coletiva e horizontal. Ecoando o apoio do tecelão ao tear com a parte inferior das costas, o jolobil inclui o conhecimento por meio de nossos corpos e práticas criativas, através da incorporação, sentipensar e corazonar como a integração de nós mesmos com o Todo, um ser único com o Todo.